



Pensar Leiria

“Este território é único e as pessoas não sabem”

Encontro Foram necessários vários anos para que Ana Bonifácio, Guilherme Garrido, Maria Miguel e Sara Araújo se reconciliassem com Leiria e pudessem sentir-se bem no regresso a casa. Já Bruno Monteiro e Rui Pedrosa, naturais do norte e a residir cá, perceberam desde logo o valor deste território. Decidimos juntá-los, dando vida a uma ideia do diretor convidado Hugo Ferreira e na tentativa de encontrar resposta à pergunta: “que Leiria queremos deixar aos nossos filhos?”. O resultado foi uma conversa informal, mas com ideias úteis para quem está a desenhar o futuro da região



Patrícia Duarte

As pessoas de fora acham “Leiria incrível”, mas quem cá está “não valoriza”. Bruno Monteiro não esconde “a confusão” que esta postura lhe faz. No norte do país por exemplo, seria impensável, onde constata que as pessoas sentem “bairrismo e orgulho” nas suas cidades. Biólogo e professor, é natural de Freixo de Espada à Cinta e escolheu Leiria para se fixar há 16 anos. Ficou encantado com a região quando a visitou de férias e não desperdiçou a oportunidade de aqui ficar.

No encontro promovido pelo REGIÃO DE LEIRIA, foi ele que deu o pontapé de saída para se falar sobre este território e particularmente do que este tem de positivo e não é visto nem valorizado por quem o habita. O património edificado e os circuitos turísticos que aqui se poderiam criar são alguns dos trunfos que Bruno encontra e não entende por que razão não são “vendidos”. Mas também na gastronomia, uma das suas paixões, “Leiria tem muitas histórias para contar”, quer pela qualidade e excelência que aqui se encontra quer ao nível da componente social, a pobreza extrema das serras e do mar que se refletia na comida. “São experiências que não podem ser esquecidas”, refere, lembrando que na gastronomia está muito da história de um povo.

Maria Miguel Ferreira confirma o encanto que Leiria exerce sobre quem vem de fora. Verifica isso, por exemplo, no Festival “A Porta”, mas lembra que “há 20 anos, não havia absolutamente nada” na cidade. “Leiria era um deserto de ideias, de iniciativa cultural, de programação, muito por responsabilidade das políticas públicas”, sublinha. Responsável pela área da inovação aberta no CEiiA - Centre of Engineering and Product Development, em Matosinhos, Maria Miguel manifesta-se crítica em relação ao que tem assistido nesta matéria. “O que tem acontecido na região do ponto de vista de produção cultural e de oferta não é mérito de políticas públicas e não é acompanhado”, sustenta, lamentando que se confunda com frequência entretenimento com cultura.

Guilherme Garrido, programador do Festival “A Porta” - um evento cultural e artístico que acontece no centro histórico



02

de Leiria - reconhece que quem vem de fora tem tendência a "romantizar" a cidade. Não deixa, no entanto, de salientar que esta ganhou qualidade de vida nos últimos anos, sobretudo para quem tem filhos. Guilherme saiu há 18 anos, vive em Lisboa e começou a regressar regularmente quando foi pai pela primeira vez. E como ele muitos dos seus amigos. "Estou em Lisboa e estou sempre a imaginar como seria uma vida em Leiria". Aqui, diz, "temos trabalho e temos coisas para fazer".

Cidade boa para crianças

A facilidade com que as pessoas se impressionam com a região tem uma explicação simples para o presidente do Politécnico, Rui Pedrosa: "é que ninguém ouve falar de Leiria em lado nenhum". Não é difícil romantizar quando se chega e se vê a qualidade de vida que é possível ter aqui, porque "Leiria comunica muito mal o melhor que tem". E hoje tem muito, realidade que não é comparável à de há 20 anos. "Muitas das pessoas que estão aqui, saíram porque era natural que saíssem para as universidades de Coimbra, Porto, Minho, Aveiro". Nessa altura, Rui Pedrosa reconhece que o Politécnico não contribuía para segurar as pessoas na região. "Hoje é uma instituição de ensino superior, há 20 anos não era" e o impacto que tem tido na formação "é gigantesco". "É um polo de atração de talento e de pessoas jovens".

A reaproximação ao rio foi outro dos elementos que transformou a cidade nos últimos anos. Essa é a convicção de Ana Bonifácio, arquiteta e autora do "Sistema Rio", projeto que os fundos comunitários haveriam de viabilizar e erguer como Polis. Natural da Marinha Grande e atualmente a residir em Lisboa, reconhece que, nos últimos anos, "fez-se muito". Recorda os "desaguiados" que, na altura, a construção do Polis provocou na cidade, mas não tem dúvidas que "o que aconteceu foi muito positivo". "O Polis juntou as pessoas e isso não foi qualquer coisa", sublinha Ana.

Sara Araújo confirma o impacto positivo do projeto de requalificação do espaço beira-rio, desde logo pelo efeito que teve em si própria. Investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de

Coimbra, saiu de Leiria há cerca de 20 anos para frequentar o ensino superior. Em 2007, 2008, quando regressou de forma mais regular, encontrou "qualidade de vida" e "uma cidade muito boa para ter crianças". Confessa que sentiu uma reconciliação inesperada com a terra de origem. "De repente, Leiria é uma cidade que não só é bonita e agradável, como tem sítios para passear, um rio a ser aproveitado e tem o Entremuralhas e a Fade In". No seu núcleo de amigos, Sara nota que se olha para Leiria com muito mais interesse do que para Coimbra, onde constata "um revivalismo do que existia nos anos 80". Por oposição, em Leiria, o que se ouve é "música nova".

A oportunidade da Rede 2027

Mas se Leiria tem tanto de positivo e facilmente encanta quem chega, a pergunta impõe-se: por que razão não consegue atrair e fixar mais pessoas?

"Uma das coisas mais complicadas de Leiria - e aí Coimbra está muito mais bem servida - é a questão dos transportes. É muito mais fácil ir de Lisboa para Coimbra do que de Lisboa para Leiria", responde Sara Araújo.

Rui Pedrosa confirma esta lacuna. Falta, na sua opinião, "pensar mobilidade estruturante" que ligue as várias cidades da região e não através de estradas. Na Rede Cultura 2027, candidatura de Leiria a Capital Europeia da Cultura, o presidente do Politécnico vê "uma grande oportu-

O que é que é Leiria tem e atrai ou o que é que não tem e afasta as pessoas, foi um dos tópicos da conversa que aconteceu a 22 de dezembro, no mimo - Museu da Imagem em Movimento, espaço gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Leiria

nidade" para transformar o território. Entende que, inevitavelmente, as Câmaras vão ter de colaborar e que "as questões da mobilidade vão ter de ser coordenadas na região". Neste contexto, sustenta, "a cultura pode criar a base de colaboração para outras áreas" e pode ser também "a oportunidade do Politécnico de Leiria se afirmar como agente promotor e educador para a cultura de muitos dos estudantes".

Guilherme Garrido sublinha a dificuldade em atrair os estudantes do ensino superior para os eventos culturais da cidade. Rui Pedrosa admite essa resistência e reafirma que "a Rede Cultura 2027 é uma oportunidade para a transformação social e cultural também da comunidade académica de Leiria".

Já Maria Miguel justifica a fraca adesão daquele público aos eventos culturais com a ausência de "uma comunicação direcionada". Esta é, aliás, uma das áreas onde identifica um "défice" significativo em Leiria. "A disciplina de marketing é uma área que tem de ser levada a sério sob pena de as consequências serem aquelas que nós conhecemos".

Já em relação à candidatura a Capital Europeia da Cultura, Maria não se manifesta tão "entusiasta" como os seus parceiros de debate. Reconhece as oportunidades e aponta as vantagens que trouxe em Guimarães, ao atrair "inúmeros quadros e talentos de várias áreas" e onde se criaram oportunidades e infraestruturas. Receia, porém, que "sem uma visão" tudo possa ficar aquém, como sucedeu com o Euro 2004. "Sou bastante crítica daquilo a que tenho assistido em matéria de políticas públicas nessa área", refere.

"Uma coisa forte para sair do sofá"

Para Bruno Monteiro "o investimento não pode ser só feito em fenómenos" e contrapõe com o que designa de "investimento real em património que fique aqui". Por exemplo, convidando artistas, como Joana Vasconcelos e outros, a criarem obra que fique aqui. "Começa-se a criar património físico que faça as pessoas virem cá, porque as pessoas só vão aos locais se tiverem o que ver", conclui.

Guilherme Garrido, por seu turno, defende o recurso à "prata da casa" e sublinha que é necessário criar estruturas e

01 Da esquerda para a direita: Patrícia Duarte, Rui Pedrosa, Ana Bonifácio, Hugo Ferreira, Maria Miguel Ferreira, Guilherme Garrido, Sara Araújo e Bruno Monteiro à entrada do mimo - Museu da Imagem em Movimento, onde decorreu o encontro

02 A conversa foi orientada por Hugo Ferreira, diretor convidado do REGIÃO DE LEIRIA, e Patrícia Duarte, diretora-adjunta
Fotos: Sérgio Claro

espaços "para se começar o acervo daqui, com artistas daqui".

Quanto à candidatura de Leiria ao título europeu, o programador de "A Porta" admite algum "romantismo" ao encara a cultura como elemento de união. "A Capital Europeia da Cultura é uma imposição, para o bem e para o mal" e, nesse sentido, as câmaras vão ter de se juntar e os agentes culturais vão ter de colaborar. E há muito para fazer, na sua opinião. Por exemplo, "Leiria tem problemas gravíssimos com as requalificações que foram feitas".

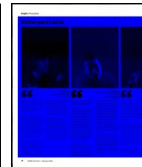
Ana Bonifácio subscreeve a visão de Guilherme e encara a candidatura de Leiria a Capital Europeia da Cultura como "uma grande oportunidade" para o muito que há por fazer, por exemplo, no centro histórico. Traz à conversa o que aconteceu em Guimarães e lembra que o Polis só surgiu porque houve quadros comunitários de apoio. "Só haverá investimento se houver oportunidade", por isso há que "criar e trabalhar para a oportunidade", conclui.

Rui Pedrosa, que é natural de Guimarães, recorda que "o mais importante" ainda antes daquela cidade ter ganho a candidatura, "foi a mobilização da sociedade, de todas as freguesias e de toda a gente".

"Talvez em Portugal só resulte assim, quando há uma coisa megalomana", acrescenta Sara Araújo, lembrando também o efeito da Expo 98. Ana Bonifácio concorda: "as pessoas precisam de uma coisa forte para sair do sofá".

Esse "gatilho", Rui Pedrosa acredita que pode ser a Rede Cultura 2027. "Foi uma estratégia obrigatória, mas que eu acho feliz porque vai gerar essa complementaridade na dimensão cultural do território que é único e as pessoas não sabem". O presidente do Politécnico reconhece que é necessário comunicar muito, tanto para dentro como para fora, para que a riqueza da região sobressaia. "Se calhar não há outro território que tenha tanto património Unesco como este e ninguém sabe": Tomar, Alcobaca, Batalha, Berlengas, o Fôlo e também Caldas da Rainha que será capital criativa de cerâmica. "O contexto é único e esta região tem grande hipótese de ganhar, acredito mesmo", afirma Rui Pedrosa.

>>>



Ideias para Leiria



Ana Bonifácio
Arquiteta
natural da Marinha Grande,
reside em Lisboa



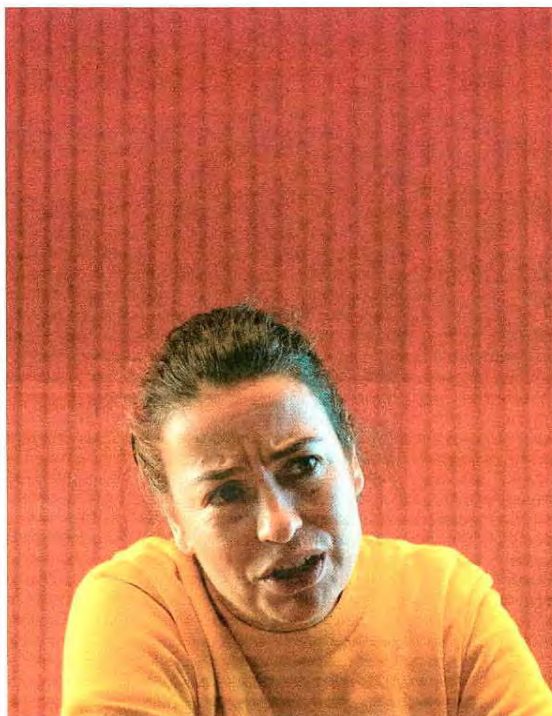
Mapear o território, fazer um diagnóstico do ponto de vista cultural - se bem que há aqui uma âncora que é a música"

É preciso chegar às pessoas, percebê-las, perceber a identidade deste território para produzir uma oferta concertada, ter capacidade para produzir em função das pessoas que cá estão porque são elas o território"

Podemos apostar noutras áreas culturais que não estão tão potenciadas aqui, que têm a ver com o património construído, até com as pessoas,

tivemos o Eça de Queirós. Temos histórias agarradas ao passado, temos o "Crime do Padre Amaro", e que dão força a este território até para o futuro"

O que é que ainda há para fazer aqui? Por favor, não cortem árvores à papo-seco, há muita coisa para trabalhar em termos físicos, há muito trabalho de espaço público para fazer, mas esse trabalho também é cultural"



Maria Miguel
responsável pela área de inovação
aberta no CEiiA
natural de Leiria, reside em
Matosinhos



Duplicar o budget de marketing das autarquias"

Não acho que a comunicação é só um processo colaborativo. Em qualquer organização preocupamo-nos com a sustentabilidade financeira, com a gestão das pessoas. A disciplina de marketing é uma área que tem de ser levada a sério sob pena de as consequências serem aquelas que nós conhecemos"

Temos que levar um bocadinho mais a sério o posicionamento da região e é preciso gastar dinheiro nisso, estudar

os públicos para quem se está a comunicar, contratar pessoas que saibam falar a linguagem deles, expor mensagens trabalhadas para esses públicos nos diversos canais digitais e físicos. É uma ideia para Leiria e para a região que traria um retorno imediato e que há muito que está em défice"

A segunda ideia que me agrada é a de uma estratégia de mobilidade integrada, preferencialmente mobilidade elétrica para a região, com o objetivo de diminuir a pegada de carbono"



Acredito que para fazer uma rede conjunta é preciso fazer um mapeamento do território, escutar realmente. Não é uma rede de cultura que deve impor 'esta arte é que tens que ver'"

Leiria tem potência. Estamos a falar de património material e imaterial, estamos a falar de propriedade intelectual, estruturas edificadas, pessoas que aqui estão e conseguem usar outro tipo de linguagens"

Sou apologistista da colaboração, da predisposição



Guilherme Garrido
Programador cultural, natural de
Leiria, reside em Lisboa



Sara Araújo
Socióloga, natural de Leiria,
reside em Coimbra

“

para ouvir o outro e construir em conjunto”

Tem muito a ver com olhar para o território, escutar, ler e criar linhas orientadoras que façam sentido no território, para as pessoas que estão lá a viver”

Temos que descer à terra e perceber o que é que faz sentido aqui para estas pessoas e se isso for feito como deve ser vais capitalizando novos públicos, abrindo portas e mentes, mas sem impor ‘esta é a cultura, tens que ver”

Gostei muito do exercício que fizemos aqui e o que eu iria propor era que se fizessem exercícios deste género, mas que se reproduzissem por pessoas diferentes”

O que acho que tem de haver aqui é uma troca, ou seja é falar e ouvir”

Às vezes fazemos umas oficinas em que se juntamos, para discutir um qualquer tema, pessoas de diferentes movimentos”

Penso que era uma coisa muito interessante para fazer em Leiria com

grupos de 30 a 40 pessoas. As pessoas ficam ali um ou dois dias, para também haver alguns momentos de relaxamento e lazer que permitam criar uma dinâmica mais à vontade, em que as pessoas se exponham mais”

Tem que haver um diálogo, uma interação, uma aprendizagem recíproca, porque sem essa reciprocidade ficamos sempre ou numa coisa muito snob ou não sabemos o que se está ali a passar”

>>>

**Bruno Monteiro**

Biólogo e professor, natural de Freixo de Espada à Cinta, reside em Leiria

Uma das coisas que será importante quando se pensa numa estratégia para o património é haver diferentes vozes, com diferentes perspetivas para aqui criar uma estratégia tanto patrimonial como cultural que permita servir a todos e ser uma voz não só na região, mas também a nível nacional"

Na gastronomia, Leiria tem muitas histórias para contar e tem esta parte dos dois mundos: a excelência e a componente social da pobreza extrema das serras e do mar. São experiências que não podem ser esquecidas"

Há aqui outras histórias que têm a ver com a sobrevivência, a austeridade e as privações das pessoas e que também têm uma identidade cultural muito forte. Falo do aproveitamento de miudezas, da morcela de arroz, da açorda e do peixe seco da Nazaré. A comida é uma das maiores histórias de um povo"

O mapeamento da região deve ir à questão da gastronomia"

**Rui Pedrosa**

Presidente do Politécnico de Leiria, natural de Guimarães, reside nas Caldas da Rainha

Educar para a cultura todos nós cidadãos precisamos e ninguém acha que se está a impor nada, mas estamos a ajudar as pessoas a aproximarem-se da dimensão cultural"

Saber o que se faz para depois os programadores conseguirem em cima desta base melhorar, ajudar a fazer coisas novas"

Espero muito sinceramente que esta Rede de Cultura 2027 se concretize, que abra portas, janelas, porque os muros vão existir sempre"

Que seja o passo essen-

cial para a seguir ter uma rede também na área da mobilidade, aparecer uma rede na área da saúde, uma rede na área da educação, porque não precisamos todos de ter tudo. O território como um todo só funciona com redes"

A Rede Cultura 2027 pode ser um marco para ligar melhor um território que estas transformações de regionalização de NUTS II e NUTS III até aos distritos fizeram perder"



1euro (IVA 6% incluído) // Diretor
Francisco Rebelo dos Santos //
Diretora-adjunta Patrícia Duarte
// Ano LXXXIV // N.º 4268



Sérgio Claro



Hugo Ferreira
diretor convidado
desta edição

Marinha Grande
Comboio de Lata
pode renascer
para ligar a cidade
à praia Pág.18

Mercado
Exportações do
distrito vão atingir
novo recorde
Pág.30

GRÁTIS
NESTA
EDIÇÃO

calendário
2019



Educação para a cidadania
inspira calendário
do REGIÃO DE LEIRIA

Desporto
Ser pai em casa
e mister no treino
Pág.24



Temos património único mas não o sabemos vender

Pág.6

Bruno Monteiro, Guilherme Garrido, Rui Pedrosa, Ana Bonifácio, Sara Araújo e Maria Miguel Ferreira pensam Leiria